

O MERCADO COMO ÂNCORA DA ESCOLA: A EDUCAÇÃO PARA O MERCADO E REFLEXOS NO SÉCULO

Antermógenes Freire Mendes¹

INTRODUÇÃO

Em entrevista cedida ao programa “café filosófico”, Viviane Mosé nos encaminha para uma, se podemos assim dizer, genealogia da educação escolar, desde o Egito antigo até os dias atuais, visando mostrar como hoje a educação e a pedagogia contemporânea do cenário nacional está engessada sob moldes de épocas ou séculos anteriores, que não progrediram ante as demandas das relações sociais contemporâneas, como, por exemplo os temas, altas taxas de suicídio, depressão, sexualidade, essas problemáticas que ainda estão engessadas nos moldes burgueses de produção mercantil.

Essa questão é explicitada por Mosé, que demonstra os efeitos do absolutismo técnico da educação, onde tem sua origem curricular, para o ser humano contemporâneo:

(...) por ser uma escola feita para as massas, nasceu não para se dedicar aos grandes temas da humanidade, mas para oferecer uma formação instrumental, voltada para o mercado, portanto trata-se de uma escola que não está voltada para o desenvolvimento humano, mas para o desenvolvimento da indústria. (MOSÉ, 2013, p.49).

A radicalidade técnica presente na educação escolar e na cultura, como descrita acima pela autora, nos envereda a uma imaturidade humana enquanto aspectos de sua vida e existência, pois, se por um lado sabemos lidar com os problemas técnicos que darão retorno ao mercado, por outro somos debilitados para lidar com os problemas da própria vida, do espírito ou da existência, problemas esses comuns na sociedade do século XXI, como depressão e tendência suicida na sociedade contemporânea, que não são tratados e encarados por aquele que sofre, mas remediados com psicofármacos, dizendo-nos assim como o homem contemporâneo vê na técnica e está nela demasiadamente afogado, como o livramento para seus problemas “espirituais”. Diante das problemáticas e necessidades contemporâneas, valerá aqui questionar. Qual o maior desafio na contemporaneidade? Por que disponibilizar as novas problemáticas humanas à educação escolar? O maior desafio enfrentado tanto no espaço físico escolar como

¹ Graduando do Curso de filosofia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Bolsista do programa PIBID, antermogens.mendes@aluno.uepb.edu.br;

também no mundo, pois não se tratam de esferas distintas, é o alto índice de suicídio e automutilação entre crianças e adolescentes, as crianças se automutilam na sala de aula.

A escola, como assim podemos observar, não se trata de um espaço idealizado, além do mundo, não havendo assim uma dicotomia entre escola e mundo, mas o espaço escolar é antes, um reflexo de seus problemas, a escola é um lugar em que se fala e se relaciona com as questões do mundo, desse modo, todos os problemas apresentados nele atravessam seu espaço, por isso, a educação escolar não é a solução para os problemas do, igualmente sua máxima contrária, o velho e tradicional axioma ideal de que: a “escola seria solução para os problemas do mundo”, o que não faz sentido, pois, todo o corpo escolar é composto por estudantes, professores, técnicos e secretários que refletem seus problemas no espaço escolar. Assim, os problemas da escola são também problemas do mundo, hoje buscamos sempre a resolução de nossos problemas humanos na técnica, na ciência, e como já foi visto, na indústria farmacêutica, pois devido nossa imaturidade cultural para as questões humanas, propiciadas pelo demasiado desenvolvimento técnico para o mercado, nos tornamos incapazes de nos relacionar com nossos próprios conflitos internos. Parte dessa insuficiência é dada em grande parte, pelo costume da educação centralizada apenas à formação técnica e profissional, radicalizada e engessada sob moldes mercantis e que se esqueceu assim das questões humanas, tal modelo deixou rastros caros ao ser humano contemporâneo que demasiadamente imerso ao mercado e técnica, esqueceu-se de si mesmo: antermogenes.mendes@aluno.uepb.edu.br

“Nunca fomos tão incapazes de conviver, tão incapazes de seguir um acordo, tão incapazes de viver. Odiamos as regras, buscamos um prazer cada vez mais descartável e imediatista, matamos o que não temos coragem de transformar. Fazemos altíssimo uso de drogas lícitas e ilícitas, de medicação psiquiátrica, acessamos a tecnologia contra o tempo, contra a morte, contra o sofrimento, mas desaprendemos a acessar a vida e estamos desaprendendo a reelaborar nossa dor em morte”. (MOSÉ, 2013, p.22).

Para reforçamos ainda mais a problemática do modelo fabril e sua relação com o ambiente escolar, vale destacar a estruturação física da escola, que assim como o sistema fabril apresenta seu toque de recolher com o soar de suas sirenes, pouco se discutiu também as relações de poder existentes no âmbito escolar entre seus membros, observa-se que por mais que a escola se correlaciona com o mundo, e tenha seus problemas nele incrustados, ela ainda hoje não se adaptou ao mundo enquanto suas problemáticas, enquanto suas “novas verdades”, assim, não dialogando com seu tempo e contexto, os conteúdos e a maneira pela qual esses são oferecidos tem em sua raiz moldes sistematicamente fabris, totalmente sistematizados e que não oferecem relação necessária entre eles, que muito nos lembra o texto marxista na relação

burguês-proletário, pois até mesmo o soar das sirenes escolares muito nos remete aos modelos de fábricas que remetem à revolução industrial.

Podemos extrair como conclusão de tudo o que foi visto acima, que a educação escolar contemporânea, no Brasil, tem como objetivo apenas moldar os estudantes para o mercado, moldar técnicos capacitados para mercantilização, todo o sistema de educação escolar brasileiro, em seu currículo, está desfragmentado da vida, a desfragmentação com a “totalidade da realidade” é também base para todo o controle social, de um controle das massas por parte daqueles que exercem essa função, a educação pautada exclusivamente na técnica, forma antes de mais nada, apenas engrenagens para alcançar objetivos mercantis, jovens e crianças terminam submetidos a processos e engrenagens que os tornam tão pequenos e insignificantes que se sentem impotentes para transformar aquilo que os cerca, tornando-os humanos que não pensam e têm consciência de sua realidade assim, além de moldarem os domesticam deixando-os fracos tanto para lidar consigo mesmo, como para reagir a toda opressão a eles imposta, e tendo como solução novamente o poder do mercado, suprimindo sua potência de agir autônoma, e reforçando a potência passiva de obediência hierarquizada de todas as forças institucionais (mercado, religião, estado etc.), suprimida de toda a criatividade e vontade de autonomia, de nosso poder sobre nós mesmos:

“Não formamos pessoas, mas fragmentos desconectados. E nos tornamos especialistas cada vez mais fragmentados, desvinculados das grandes questões humanas, sociais, planetárias. Vivemos acoplados a uma parcela tão pequena da realidade que chegamos a esquecer de quem somos, o que buscamos, e acabamos guiados pelos desejos dos outros, dos mais espertos, dos que falam mais alto”. (MOSÉ, 2013, p.52)

Observamos aqui o que Karl Marx já há muito tempo expunha sobre as linhas de produção e máquinas na revolução industrial podemos considerar que este mesmo modelo segue sendo utilizado no ambiente escolar, assim propiciando a alienação do estudante enquanto os saberes gerais e relacionado se tornam “produto” final do conhecimento no fim das contas, ele pouco sabe de maneira geral relacionar o que ele está aprendendo, trata-se de um conhecimento alienado, relacionamos isso, ao que nos diz Karl Marx:

“Com a expansão da maquinaria e da divisão do trabalho, o trabalho dos proletários perdeu toda a autonomia e deixou, assim, de interessar ao trabalhador. Ele se torna um apêndice da máquina, dele se exige o trabalho manual mais simples, monótono e fácil de aprender”. (MARX, 2008, p.20-21)

Visto isso relacionado à educação institucional no Brasil, observamos que pouco se modificou tanto como já foi visto, em suas estruturas físicas, como agora, em suas relações sociais, o modelo educacional é basicamente o mesmo em seus pontos cruciais, não vemos um “avanço”, uma modificação na maneira de se fazer educação, mas uma petrificação no tempo,

mais precisamente, uma estratificação burguesa. Visto tudo o que foi discutido, iremos agora nos atentar ao que diz respeito às questões contemporâneas, e como Viviane Mosé tanto nos traz suas problemáticas, como também aclara possíveis estratégias para relacionar as problemáticas atuais à educação, se assim podemos dizer, *humana*.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia aqui apresentada consistirá na leitura das referências indicadas, além de leituras complementares. Nesse sentido, deve ser dada especial atenção em um primeiro momento às obras o manifesto do partido comunista dos autores Karl Marx e Friedrich Engels e a obra a escola e os desafios contemporâneos da autora Viviane Mosé e utilizaremos sua entrevista cedida ao programa de televisão, “Café Filosófico”, transmitido pelo canal TV Cultura no ano de 2018 intitulada: Educação contemporânea e os desafios da escola no Brasil, também utilizaremos a obra O manifesto do partido comunista dos autores Karl Marx e Friedrich Engles com tradução de Victor Hugo Klagsbrunn.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando o emprego de um ensino acolhedor em relação ao meio escolar podemos desamararrar o ensino mercadológico, retirando o poder que suprime a potência de agir autônoma e reforçando o livre debate das ideias podemos enfim chegar até um método acolhedor de docência, retirando-se o véu da ignorância e se adequando a metodologias de ensino que não existiam antes da contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A demasiada importância atribuída ao desenvolvimento técnico desde a revolução industrial, traz consigo seus efeitos no tempo contemporâneo, aqui, no que diz respeito ao ambiente escolar, a pedagogia contemporânea se mostra engessada sob moldes que não demonstram suprir as demandas e necessidades de seu tempo.

O modelo mercantil de se encarar o ambiente escolar, o soar das companhias que simulam toques de recolher, a formar hierarquizada da relação escolar e a sistematização e não relação dos conteúdos escolares, contribuem, como nos mostra Karl Marx, para uma alienação daquele que faz parte da linha de produção, nesse caso específico, do estudante escolar, que

pouco sabe relacionar as diversas fontes de conhecimento, pois, como foi dito, está diante de uma linha de produção alienante.

A roupagem do mundo contemporâneo pode ser vista, como Viviane Mosé nos expõe, em um sistema de redes de conhecimento, antes o conhecimento restrito apenas a livros e aqueles que o liam, hoje pode atravessar o mundo em milésimos de segundo, assim, embarcando novas questões para serem discutidas e resolvidas, a verdade hoje não se encontra tão fixa como antes, todos os juízos de valor e juízos estéticos podem ser colocados em cheque quanto a sua validade universal, pois, em um mundo que as ideias se comunicam cada vez mais rápido, a verdade se dissolve também na mesma velocidade. Neste sentido, a educação escolar deve, segundo a filósofa brasileira, se adaptar e discutir a “nova realidade”, tendo ciência de que a verdade, não se encontra ancorada, mas, navega por todo um horizonte informacional.

A escola atual encontra diversas barreiras quando atua diante de verdade absolutas que hoje não conseguem lidar com os problemas do mundo. O ambiente escolar, dessa maneira deve versar hoje por uma educação humana, que prepare o humano para encarar suas novas problemáticas confrontadas.

Palavras-chave: Mercado, humano, escola.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos a CAPES e ao PIBID programa institucional de bolsa de iniciação à docência.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO CPFL. **Educação contemporânea e os desafios da escola no Brasil, com Viviane Mosé**. 1 vídeo (2 horas). Publicado pelo canal instituto cpfl. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jeahVHKvXyE&t=1618s&ab_channel=institutocpfl>. Acesso em: 25. Jul. 2020.

MARX, Karl; ENGLER, Friedrich. **O manifesto do partido comunista**. Tradução: Victor Hugo Klagsbrunn. 1. ed. São Paulo: Expressão popular, 2008. 68 p. v. 1. ISBN 978-85-7743-080-2.

MOSÉ, Viviane. **A Escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. 336 p. ISBN 978-85-200-1225-3.